Milho– previsão da primeira safra

Área e produção – safra 1997/98

Unidade da federação	Área (mil ha)		Produção (mil t)	
	Limite inferior	Limite superior	Limite inferior	Limite superior
Paraná	1.518,50	1.629,60	5.770,30	6.192,50
Santa Catarina	965,50	996,30	3.427,50	3.536,90
Rio Grande do Sul	1.402,20	1.484,60	4.206,60	4.453,80
Minas Gerais	1.233,40	1.289,50	3.700,20	3.868,50
São Paulo	750,40	774,80	2.701,40	2.789,30
Goiás	469,30	507,10	2.018,00	2.180,50
Mato Grosso do Sul	176,50	191,20	769,50	833,60
Centro-Sul	6.801,80	7.178,90	23.537,60	24.865,10

Ou seja, de 15 a 11% abaixo do obtido em 1996/97. A retração na área cultivada com o cereal no Centro-Sul só não passou de 15% devido à necessidade de rotação dos cultivos de soja e de milho, ao pagamento da securitização e ao forte autoconsumo nas regiões que desenvolvem a avicultura e a suinocultura.

Quanto à safrinha do próximo ano, ainda é muito cedo para uma previsão. A Conab preferiu acreditar que ela venha a igualar os 3,8 milhões de toneladas obtidos na colheita recente, apostando na probabilidade de que, na média, a produção total de milho na temporada 1997/98 seja de 31,5 milhões de toneladas.

Caso estes números realmente se concretizem, o equilíbrio do balanço brasileiro de oferta e demanda em 1997/98 dependerá da realização de importações. Para facultar a formação de um estoque final de praticamente 3 milhões de toneladas, a Conab projetou as compras externas em 1 milhão de toneladas, compatibilizando-as com a estimativa de consumo interno de 35,9 milhões de toneladas.

É verdade que a forte pulverização da cultura do milho em todo o território nacional não só costuma dificultar a sua mensuração, como também freqüentemente adiciona um componente de insegurança aos cálculos de suprimento. Mas os números do balanço de oferta e demanda da Conab merecem algumas críticas.

A primeira é quanto ao consumo projetado para a temporada 1997/98, praticamente igual ao da temporada 1996/97, e apenas 2% maior do que o de 1995/96. Por mais dificuldades que venham a surgir nos segmentos avícola e suinícola no ano vindouro, esse comedimento é incompatível com o ritmo do arraçoamento animal observado desde 1996. Segundo cálculos do Sindirações, entre 1996 e 1997 deverá ocorrer avanço acumulado de quase 13% na produção nacional de rações, justificado pelos aumentos previstos para o mesmo período nos segmentos avícola de corte e de suínos – responsáveis por mais de 80% do consumo interno de rações comerciais.

A segunda consideração diz respeito ao rendimento físico médio de 3.464kg/ha que a Conab projetou para a primeira colheita do Centro-Sul da atual temporada. Talvez fosse mais prudente não se esperar repetição do rendimento físico obtido na primeira safra de 1996/97, já que muitos produtores não se interessaram por investir em insumos modernos desta vez. A não ser no caso de a meteorologia influir de modo extremamente favorável, esta colheita poderá vir a ser inferior à de um ano antes em mais do que apenas 15%.

A terceira e última crítica é quanto à modéstia adotada pela Conab em sua previsão da próxima safrinha. A própria evidência de maior opção pela soja na primeira safra sugere que a semeadura do milho na segunda safra virá a ser a escolha natural dos agricultores, devido à necessidade de rotação de culturas.

Fartura na oferta do grão no médio prazo e firmeza na sua demanda definem tendência ao equilíbrio no mercado do milho até fins de fevereiro.

E-mail: iragtroc@fgv.br

CONJUNTURA DO AGRIBUSINESS

CEREAIS DE INVERNO

Dificuldades nas safras

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA

Os cereais de inverno podem crescer além dos nichos de mercado dos produtos naturais.

As safras de arroz e milho colocam o Brasil entre os 10 maiores produtores mundiais de cereais. O milho, por exemplo, produziu este ano 30,5 milhões de toneladas. A tabela 1 apresenta os totais dos cereais produzidos no país, podendo-se observar que as lavouras de inverno (mesmo o trigo, que há 10 anos correspondia a cerca de 23% do milho colhido no Brasil) são comparativamente diminutas.

No momento, está terminando a colheita da safra de inverno, com interrupções provocadas pelas fortes chuvas, principalmente no Rio Grande do Sul, que não permitem avaliar o real tamanho da produção. Os dados do IBGE são considerados superestimados, por não terem tido tempo de incorporar as perdas que os temporais trazidos por El Niño provocaram.

No Paraná, o trigo e o triticale tiveram suas colheitas encerradas em meados de novembro. O Departamento de Economia Rural, da Secretaria da Agricultura, calcula a área colhida do primeiro em 886 mil hectares, a produção entre 1,5 e 1,6 milhão de toneladas e o rendimento físico médio em 1.791kg/ha. Já o triticale, mais rústico, tem rendimento estimado em 2.094kg/ha (com o máximo de 2.442kg/ha na região Sul do estado), área de 56 mil hectares e produção

Brasil – Produção de cereais

1987 a 1997 – em mil t.

Cereais	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997*
Arroz	10.425.100	11.806.451	11.029.804	7.418.527	9.495.938	9.961.899	10.142.934	10.499.455	11.225.994	9.990.310	918.069
Aveia	166.150	130.792	228.208	174.226	228.332	295.283	260.977	257.729	177.206	196.279	276.526
Centeio	4.076	2.235	4.007	4.535	6.304	6.967	5.490	4.169	2.591	7.540	13.298
Cevada	194.514	125.533	247.502	157.353	110.507	127.636	109.952	90.614	104.634	225.609	296.153
Milho	26.786.647	24.749.550	26.589.867	21.341.195	23.739.001	30.556.634	30.004.489	32.487.400	36.274.584	31.903.970	30.517.917
Sorgo	432.797	288.804	235.839	227.924	254.450	285.437	251.466	292.152	242.745	335.598	383.276
Trigo	6.099.111	5.745.670	5.555.184	3.093.485	2.921.297	2.795.979	2.152.761	2.092.424	1.534.148	3.293.647	2.884.476

* Estimativa de setembro

Fonte: IBGE



Rio Grande do Sul – Produção dos cereais de inverno – 1997

Produto	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento físico médio (kg/ha)
Aveia	52.138	89.842	1.723
Centeio	7.954	10.353	1.302
Cevada	89.120	199.160	2.244

Fonte: IBGE.

entre 125 mil e 140 mil toneladas.

A aveia, que se concentra no Norte paranaense, cobriu 134 mil hectares, dos quais 84 mil, mais dispersos, de aveia preta e 50 mil hectares de aveia branca. Há uma pequena quebra, ainda não determinada, na produção, que ficará entre 153 mil e 155 mil toneladas. Se a produção de aveia crescer, vai ser discutida em março do próximo ano sua inclusão na cobertura por EGF.

No caso da cevada, cujas lavouras são orientadas para as necessidades da região de Entre Rios de Guarapuava, a colheita de seus 34,5 mil hectares estava sendo encerrada na segunda semana de novembro. No ano passado, plantaram-se no estado 26 mil hectares, e a colheita foi de 84 mil toneladas. A produção deve ficar entre 88 mil e 95 mil toneladas, dos quais quase 30% já tinham sido comercializados até 15 de novembro.

A produção de centeio, bastante reduzida, está tradicionalmente ligada à colônia polonesa. São 2.150ha (foram cultivados 1.700ha, no ano passado) e a produção está calculada entre 2.300t e 2.500t, com aproximadamente 30% vendidos até meados de novembro.

No Rio Grande do Sul, a estimativa do IBGE para a safra de trigo é de área de 497,2 mil hectares, produção de 871,25 mil toneladas e rendimento físico médio de 1.752kg/ha. A Emater-RS estima que entre 25 e 30% tenham sido perdidos com as chuvas. Os dados dos demais cereais de inverno, segundo a estimativa de outubro do IBGE, estão na tabela 2.

O custo de produção da cevada cervejeira supera o do produto importado.

Quando se fala em cereais de inverno, sempre vem à mente o trigo. Os demais no entanto têm perspectivas de crescimento, e não só em nichos de mercado, como o dos produtos naturais ou integrais. No caso da cevada, o Plano Nacional de Auto-suficiência, no governo do general Geisel, apontava mais de 3 milhões de hectares de terras aptas a seu cultivo. O Plano abrangia a cevada e o malte e previa a construção de maltarias na região Sul, mas foi elaborado no período de autarquização da economia do país, que distorcia a visão da real competitividade das atividades econômicas.

Hoje, com a economia aberta e sujeita a poucas restrições, combinadas com os vizinhos e sócios do Mercosul, o consumo das cervejarias brasileiras alcança 1,1 milhão de toneladas por ano, acarretando pesadas importações para atingir o equivalente a 900 mil toneladas de malte. A produção de malte pelas três maltarias em funcionamento é de 250 mil toneladas e têm sido programados novos investimentos no setor. Do que se importa, 250 mil toneladas vêm da Argentina e Uruguai e 400 mil toneladas da Europa, Canadá e Austrália. Observe-se que o produto do Mercosul está isento de taxação para ingressar em território brasileiro.

Considerando-se que o custo da produção brasileira fica em torno de R$200,00/t, na faixa de rendimento físico médio de 2.500kg/ha, as importações, cujo preço médio no qüinqüênio 1992-96 foi de US$ 170,00/t, incluindo o frete, de US$25,00/t (+ TEC de 10% + seguro de US$3,00/t = preço total de US$190,00/t) são imbatíveis pelos produtores locais.

A única forma de expandir o negócio agrícola será conseguir melhores indicadores de produtividade, para obter o benefício de fornecer mais a uma área da economia que cresceu sobremaneira nos últimos anos – a das bebidas leves. Embora o recente pacote econômico do governo vá afetar a indústria cervejeira, espera-se que seu desempenho continue atrativo nos próximos anos.

E-mail: ferfal@fgv.br